



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

JAIRO JACQUES DOS PASSOS JÚNIOR

**O BIBLIOTECÁRIO E O USO DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL**

Percepções dos estudantes de Biblioteconomia da UFPA

BELÉM

2018

JAIRO JACQUES DOS PASSOS JÚNIOR

**O BIBLIOTECÁRIO E O USO DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL**

Percepções dos estudantes de Biblioteconomia da UFPA

Trabalho apresentado à Faculdade de  
Biblioteconomia da Universidade Federal do  
Pará como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Biblioteconomia.  
Orientador: Prof. Dr. Rubens Ferreira.

BELÉM

2018

### CPI – Catalogação da publicação

P289b Passos Júnior, Jairo Jacques dos, 1989-  
O bibliotecário e o uso da competência informacional :  
percepções dos estudantes de Biblioteconomia da UFPA / Jairo  
Jacques dos Passos Júnior. – Belém, 2018.  
46 f. : il.

Orientador: Rubens da Silva Ferreira.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas,  
Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2018.

1. Competência informacional. 2. Biblioteconomia. I.  
Ferreira, Rubens da Silva, orient. II. Título.

CDD. 22. ed.: 020

JAIRO JACQUES DOS PASSOS JÚNIOR

**O BIBLIOTECÁRIO E O USO DA COMPETÊNCIA INFORMACIONAL**

Percepções dos estudantes de Biblioteconomia da UFPA

Trabalho apresentado à Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia. Orientador: Prof. Dr. Rubens Ferreira.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Rubens da Silva Ferreira (FABIB/ICSA/UFPA)  
Orientador

---

Profa. Me. Maria Raimunda Sampaio (FABIB/ICSA/UFPA)  
Avaliadora

---

Prof. Me. Luiz Otavio Maciel da Silva (FABIB/ICSA/UFPA)  
Avaliador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por ter me concedido saúde, força e disposição para fazer a Faculdade e o trabalho de final de curso. Sem ele, nada disso seria possível. Também sou grato ao meu Senhor Jesus Cristo (autor e consumidor da minha fé) por ter dado saúde aos meus familiares e tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica até então.

Agradeço a Universidade Federal do Pará e a Faculdade de Biblioteconomia por me proporcionarem um ambiente criativo e amigável para os estudos. Sou grato a cada membro do corpo docente, à direção e a administração dessa instituição de ensino.

Agradeço à minha mãe e avó Naim Passos, que sempre foi minha maior fonte de inspiração e força. Foi minha maior incentivadora no amor pelos livros e pelo conhecimento.

Sou grato ao meu pai, minha mãe, minhas irmãs e meus amigos por acreditarem e apoiarem meu sonho.

À minha amada amiga Estela Queiroz e as minhas amadas amigas Marlena Victória e Adriele Failache, muito obrigado pelo carinho. Sem vocês eu teria enlouquecido. Obrigado por serem tão companheiras e pelo incentivo.

Agradeço todos os meus mestres, principalmente ao professor Rubens Ferreira, com sua paciência e carinho, fez toda a diferença nesse ano.

Ao pessoal da biblioteca do Instituto de Geociências e as bibliotecárias Socorro Albuquerque, Lúcia Imbiriba e Layane Gaia meu muito obrigado pela disponibilização do material necessário à pesquisa e pelas muitas dicas e conselhos.

E, por fim, obrigado a todos aqui citados, por todo apoio, paciência e companheirismo nesses meses de muito trabalho.

*Não precisamos de nenhuma educação  
Não precisamos de controle mental  
Chega de humor negro na sala de aula  
Professores deixem as crianças em paz  
Ei! Professores! Deixem essas crianças em paz!  
No fim das contas, era apenas outro tijolo no muro  
Todos são somente tijolos na parede.*

(Pink Floyd)

## RESUMO

Aborda as percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre a competência informacional. Utiliza a técnica de grupo focal e entrevistas semiestruturadas. Onze estudantes de diferentes turmas de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará participaram do grupo focal. Quatro pessoas foram entrevistadas: O diretor da Faculdade de Biblioteconomia e três estudantes. Analisa os dados pela dimensão ética, estética, política e técnica da competência informacional. Mostra que a dimensão técnica e estética são as mais presentes nas percepções dos estudantes quanto ao conceito e ao papel do bibliotecário nesse tipo de competência. Verifica que os participantes do grupo focal têm dificuldades em perceber o componente político e ético. Conclui que essas dimensões precisam estar mais evidentes na disciplina Leitura e Competência Informacional.

**Palavras-chave:** Competência informacional. Biblioteconomia. Universidade Federal do Pará.

## ABSTRACT

It approaches the students' perceptions of Library Science about information literacy. It uses the focus group technique and semi-structured interviews. Eleven students from different classes from Librarianship at the Universidade Federal do Pará participated of the focus group. Four people were interviewed: the director of the Faculdade de Biblioteconomia and three students. It analyzes data by the ethical, aesthetic, political and technical dimension of information literacy. It shows that the technical and esthetic dimension are the most present in students' perceptions regarding the concept and role of the librarian in this type of competence. It notes that focal group participants have difficulties in understanding the political and ethical component. It concludes that these dimensions need to be more evident in the discipline *Leitura e Competência Informacional*.

**Keywords:** Information literacy. Library Science. Universidade Federal do Pará.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>A competência informacional e o bibliotecário</b> .....	<b>15</b>
3.1.1	A sociedade da informação e as Tecnologias da Informação e Comunicação	17
<b>3.2</b>	<b>A biblioteca pública e seus usuários</b> .....	<b>18</b>
<b>3.3</b>	<b>A leitura como ato de informação</b> .....	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>23</b>
<b>4.1</b>	<b>Coleta de dados</b> .....	<b>23</b>
<b>4.2</b>	<b>Organização e análise dos dados</b> .....	<b>25</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>27</b>
<b>5.1</b>	<b>Percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre competência informacional</b> .....	<b>28</b>
<b>5.2</b>	<b>Percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre a atuação do bibliotecário na competência informacional</b> .....	<b>31</b>
<b>5.3</b>	<b>Percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre as possíveis dificuldades na disciplina Leitura e Competência Informacional</b> .....	<b>35</b>
<b>5.4</b>	<b>Sobre as vantagens percebidas pelos alunos que cursaram a disciplina Leitura e Competência Informacional</b> .....	<b>40</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>47</b>
	<b>APÊNDICE – TERMO DE AUTORIZAÇÃO</b> .....	<b>50</b>
	<b>ANEXO A – EMENTA DA DISCIPLINA LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES</b> .....	<b>51</b>
	<b>ANEXO B – EMENTA DA DISCIPLINA LEITURA E COMPETÊNCIA INFORMACIONAL</b> .....	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A competência informacional é um conceito de aprendizagem que, quando realizado de forma consciente, reflexiva e contextualizada, favorece a produção de conhecimentos, em especial os de natureza técnico-científica. Na discussão desse tema, entende-se que o bibliotecário é uma figura central, haja vista a relação do mesmo com a informação, especialmente do ponto de vista do trabalho que realiza frente à seleção, organização, armazenamento, recuperação e disseminação para comunidades de usuários. Os autores quase em tom uníssono enaltecem a transformação pela qual esse profissional precisa passar se quiser se envolver no chamado “movimento da competência informacional” (CAMPELLO, 2003).

Longas listas de atribuições são elaboradas para descrever o que o novo bibliotecário – envolvido em um processo de autoaprendizagem – deve *ser, saber e fazer*. Entretanto, precisa-se entender um pouco sobre como esse processo foi se desenvolvendo nas bibliotecas após a consolidação delas como instituições que promovem o acesso à informação e ao conhecimento, e, por extensão, como o bibliotecário pode atuar promovendo a competência informacional.

Desde a Antiguidade a informação sempre foi o ponto de aproximação entre o conhecimento e poder, especialmente entre os indivíduos que viriam a nascer em determinados grupos, sobretudo nas classes privilegiadas para as quais o direito à educação era a garantia para o exercício futuro do poder real. Da Antiguidade à Idade Média, a educação ficou reservada aos homens.

Lenta e gradativamente a forma de transmissão do conhecimento humano foi se aprimorando até a forma como se tem hoje, sobretudo nos países democráticos em que meninos e meninas têm o direito de frequentar a escola. Em alguns países e contrariamente ao Brasil, o acesso à educação é gratuito somente para a formação básica e secundária, ficando a universidade reservada às famílias que podem arcar com a educação dos filhos.

Transformações também ocorreram nos suportes de registro da informação e do conhecimento. No momento em que a escrita se consolidou, os suportes foram se aprimorando. Tabuinhas de argila e de cera, papiro e pergaminho são apenas alguns dos suportes utilizados ao longo da história da humanidade para receber a escrita. Até que se chegasse ao uso amplo do papel pela indústria editorial assistiu-se a um longo processo. Muito antes, porém, o homem primitivo lia os sinais gravados nas cavernas, os desenhos rupestres que supostamente descreviam fatos, mensagens deixadas em cascas de árvores e

outros materiais da natureza. Com a evolução das práticas sociais de escrita e da leitura diante das novas necessidades, o homem foi evoluindo em sua capacidade de pensar e conhecer o mundo.

As bibliotecas como espécies de repositórios do conhecimento humano na forma escrita também passaram por transformações. As primeiras bibliotecas conhecidas são chamadas "minerais", devido ao acervo constituído de tabletes de argila. Depois vieram as bibliotecas dos egípcios, persas e gregos com seu acervo de rolos de papiros e pergaminhos. Fica claro ao estudar a história dos livros e das bibliotecas a necessidade histórica do homem de registrar o conhecimento acumulado, o que continua até os dias de hoje.

No século XV ocorreu o aperfeiçoamento da imprensa por Gutemberg. Cinco séculos depois se testemunhou o aparecimento dos primeiros computadores que, mais tarde, durante a Guerra Fria, foram associados ao que veio a ser hoje a Internet, marcando a chegada da era da informação. Assim, multiplicando a escrita e levando-a agora para outra forma legível por máquina, os chamados *bits*, ocorreu aquilo que se pode chamar de desmaterialização da informação, desprendendo-se então dos suportes tradicionais de registro de conhecimento.

Conforme Silva (2014), as tecnologias querendo ou não já se fazem presentes na vida de muitas pessoas, em diferentes partes do mundo, de forma que as sociedades já não são como antes na experiência da comunicação: fatos e notícias circulam no mundo quase no exato momento em que acontecem. As ferramentas tecnológicas também se tornaram aliadas de diferentes profissionais. Em razão disso, esses profissionais precisam estar aptos a lidar com as novas realidades informacionais. É preciso mudar, e isso pode ser o diferencial que abrirá portas tão almejadas para os profissionais da informação, entre eles o bibliotecário.

Em meados dos anos 1980 foi introduzido um conceito fortemente ligado ao uso das tecnologias da informação chamado *information literacy*, traduzido entre outras formas como competência informacional. Inspirados nesse termo, muitos estudos surgiram com foco na competência tecnológica, levada para os meios profissionais e educacionais (CAMPELLO, 2003; DUDZIAK, 2003; VITORINO, 2008). Todavia, quando se está pensando na aplicação dos princípios da competência informacional na educação, autores como Gasque e Terascolo (2010) dizem que se está falando de letramento informacional<sup>1</sup>. Assim, considerando que esta pesquisa se inscreve no campo da Biblioteconomia, será adotado o termo competência

---

<sup>1</sup> Conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvido no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente no mundo da cultura escrita (SOARES, 2003).

informacional para aludir o conjunto de habilidades e atitudes relacionadas à busca, análise, uso e compartilhamento da informação.

Feita esta discussão inicial, em sua concepção este estudo foi conduzido com base nos seguintes objetivos: geral: Conhecer as percepções dos estudantes do curso de Biblioteconomia da UFPA sobre o conceito e a prática da competência informacional; específicos: verificar o ponto de vista de alunos em questão sobre o conceito de competência informacional; identificar como a prática da competência informacional pode ser desenvolvida do ponto de vista desses alunos; discutir a relação informação e educação no contexto da competência informacional.

Diante do que foi exposto esta pesquisa é construída em torno das seguintes questões: como o conceito de competência informacional é compreendido pelos alunos do curso de Biblioteconomia da UFPA? Como a prática da competência informacional é concebida por esses alunos? Como pode ser pensada a relação entre informação e educação no contexto das bibliotecas? Uma vez expostas essas questões norteadoras, as partes que se seguem a esta introdução são dedicadas à exposição da justificativa, dos objetivos, do referencial teórico, a metodologia e os resultados da pesquisa.

## 2 JUSTIFICATIVA

A paixão por livros, informação e conhecimento sempre foram catalisadores potentes na escolha do curso de Biblioteconomia. Entretanto, ao longo do curso, algumas experiências foram determinantes na escolha do tema abordado nesta pesquisa.

As disciplinas Fontes de Informação I e II, ambas ministradas pela Professora Jane Veiga, contribuíram para produzir visões a respeito da qualidade da informação disseminada aos usuários. Foi ali que o interesse pela busca de informações atualizadas e de qualidade começou. O termo *competência informacional*, ainda desconhecido, só viria a fazer parte do vocabulário discente anos mais tarde. Foi então que na Biblioteca Geólogo Raimundo Montenegro Garcia Montalvão, do Instituto de Geociências da UFPA (IG), por meio de uma prática diária de treinamento, auxílio e atendimento aos usuários que esta pesquisa tomou sua forma embrionária. Ali foram desenvolvidas percepções autorais acerca dessa prática com um breve *feedback* dos usuários em se contato com a biblioteca e com a informação.

Contudo, foi a leitura do livro “Letramento Informacional: função educativa do Bibliotecário na escola”, da autoria de Bernadete Campello, publicado em 2009, que esta pesquisa melhor se definiu com base na discussão sobre o bibliotecário como um facilitador no acesso à informação, e, conseqüentemente, ao conhecimento, determinando os caminhos que aqui se propõe seguir sobre o tema da competência informacional.

Combinando experiências pessoais e leituras, entende-se que o aprender não pode reduzir-se à memorização mecânica de informações, com o objetivo de dar conta dos conteúdos dos livros didáticos, das apostilas ou das notas e exemplos escritos na lousa. Tem sido observado também que, em geral, o usuário não é formado para buscar informações em fontes diversificadas, comparando diferentes pontos de vista, adotando critérios para avaliá-la, organizar e analisar as informações recuperadas. Também não se verifica o incentivo para compartilhar aquilo que se aprende, pois, de acordo com Campello (2003) e Dudziak (2003), indivíduos com habilidades para usar a informação possuem a responsabilidade de compartilhá-la com outros indivíduos ou grupos.

Pelo exposto, no caso específico do curso de Biblioteconomia este trabalho pode representar uma contribuição para o melhor entendimento do conceito de competência informacional, precisamente do ponto de vista dos alunos que se encontram em processo de formação e de conclusão do ensino de graduação; portanto, em potência para exercer a profissão de bibliotecário. Espera-se, assim, que esta pesquisa possa contribuir para uma

reflexão sobre a relação entre informação e educação sobre com base em uma prática que ainda se revela pouco comum nas bibliotecas brasileiras.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os autores reunidos neste item são frutos de levantamento bibliográfico. Com base neles, os itens que seguem discutem *competência informacional* do ponto de vista conceitual e de sua relação com o bibliotecário e com a biblioteca como lugar em que podem ser exercidas no contato com a informação.

De um modo geral, competência é uma palavra usada para definir uma pessoa qualificada para realizar uma tarefa ou uma ação direcionada. Neste sentido e segundo Saraiva (1993) citada por Farias e Vitorino (2009), ela vem do latim *competentia*, com o sentido de proporção, de simetria, quer dizer, de algo bem executado do começo ao fim, em perfeição. Assim como competência agrega valor à instituição (FLEURY; FLEURY, 2001), ela também deve agregar valor social ao indivíduo, ou seja, às pessoas que desenvolvem competências básicas para o desenvolvimento da instituição estão investindo em si mesmas, como cidadãos comprometidos com o exercício do direito de acesso à informação.

Dessa forma, ao entender o conceito de competência, em toda ação do bibliotecário vê-se a dimensão técnica, estética, política e ética. Sobre cada uma dessas dimensões, Farias e Vitorino (2009) observa que:

- a) **técnica:** corresponde ao domínio dos conhecimentos e das habilidades técnicas para a realização de um ofício realizado com propriedade num campo específico de atuação, tal como a Biblioteconomia;
- b) **estética:** corresponde à dimensão da existência, não estando restrita ao mundo da arte. Ela está associada às habilidades pessoais, subjetivas e criativas em relação à capacidade de compreender, usar a informação, de dar forma à informação;
- c) **ética:** corresponde o indivíduo que é efetivamente competente em informação é capaz de tomar posição, assumir uma postura crítica diante de determinadas informações;
- d) **política:** corresponde identificar a natureza da informação, geralmente organizada de modo a favorecer determinados grupos, e superar as barreiras que ela impõe, de modo a ser capaz de interferir de maneira significativa na realidade, visando ao bem-estar da coletividade.

Neste sentido, pode-se afirmar com base em Farias e Vitorino (2009) que toda ação bibliotecária em prol da competência informacional precisa envolver as quatro dimensões supracitadas. É dizer que essas dimensões se complementam na formação de pessoas mais bem qualificadas para trabalhar com a informação ao longo da vida.

Ao explicar de forma resumida as dimensões das competências do bibliotecário, percebe-se que não adianta apenas dominar bem esses conceitos. É preciso pensar de forma crítica para ajudar a formar usuários hábeis e criativos na busca de respostas às necessidades informacionais no plano pessoal e coletivo. E para além da habilidade e da criatividade é necessário se engajar politicamente e verificar o alcance desse comprometimento.

### 3.1 A competência informacional e o bibliotecário

Competência informacional é um termo recentemente difundido no Brasil e, ainda, de uso limitado. Gasque e Terascolo (2010, p. 44) definem como:

Estruturação sistêmica de um conjunto de competências que permite integrar as ações de localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, objeto da aprendizagem, visando à tomada de decisão e resolução de problemas.

Como se vê, expressa habilidades que se espera que os indivíduos desenvolvam para fazer o melhor uso da informação e dos diferentes recursos informacionais, tanto em suas formas convencionais quanto digitais. Alguém que possua de forma razoável essa competência pode determinar a dimensão da informação necessária. Sendo assim, trata-se da habilidade de acessar, avaliar e empregar informação para harmonizar com o objetivo específico do usuário.

Sobre a origem do termo, Dudziak (2003, p. 5) explica que:

A expressão *Information Literacy* (literalmente traduzida como alfabetização informacional) surgiu pela primeira vez na literatura em novembro de 1974, em um relatório intitulado: *The information service environment relationships and priorities*, de autoria do bibliotecário americano Paul G. Zurkowski que era, naquele momento, o Presidente da *Information Industry Association (IIA)*, e integrava a equipe da *National Commission on Libraries and Information Science*. A meta de Zurkowski e sua equipe era estabelecer as diretrizes para um programa nacional de preparação e acesso universal à *Information Literacy*, que seria concluído até 1984.

Zurkowski (1974) sugere nesse relatório de trinta páginas a disseminação de banco de dados e a aplicação de indicadores, além de explicar questões políticas relacionadas à informação. No texto, ele afirma que a informação agrega valor à população e ao país através de alfabetização da informação que deve ser aplicada em situações de trabalho, usando a

mesma para a resolução de problemas. Informação que passa por inúmeras rotas de acesso, necessita de ferramentas e habilidades para o desenvolvimento do setor privado, já que este se encontra num período de transição em sua relação com bibliotecas.

Mesmo concebida nos anos de 1970, foi mais recentemente na primeira década deste século que o termo chegou ao Brasil para ser incorporado ao vocabulário de bibliotecários e pesquisadores na área de Ciência da Informação (CI).

Muitos são os termos e as expressões utilizadas para traduzir o termo original *information literacy*. No Brasil, a partir do ano 2000, pesquisa, artigos e livros começaram a utilizar expressões como “letramento informacional”, “alfabetização informacional”, “habilidade informacional” e “competência informacional”, em geral, fazendo referência à mesma ideia ou grupo de ideias.

De acordo com Campello (2003), foi Caregnato (2000) quem primeiro traduziu a expressão como “alfabetização informacional”, optando pelo emprego de “habilidades informacionais”, procurando aproximá-lo da língua portuguesa. E apesar de constarem na literatura todos os termos supracitados, *information literacy* tem sido traduzido no Brasil preferencialmente como “competência informacional”, conforme se observa nos trabalhos de Campello (2003), Miranda (2004), Belluzzo (2005), Silva et al (2005), Lins e leite (2008), Vitorino (2008), Liston e Santos (2008), dentre outros autores disponíveis na literatura. Assim, no **Quadro 1**, esquematiza-se uma breve cronologia da competência informacional, enfatizando seu uso original, traduções, publicações e fatos associados.

**Quadro 1** – Breve cronologia da competência informacional

Ano	Eventos
1974	Nos EUA, o termo <i>information literacy</i> é utilizado pela primeira vez por Paul Zurkowski.
1976	Nos EUA, Hamelink e Owens usaram o termo vinculado à cidadania.
1980	No Reino Unido, Michel Marland publicou <i>Information Skills in the Secondary Curriculum</i> , elencando as habilidades informacionais propostas para os alunos do ensino básico.
1989	Nos EUA surgiram definições dos elementos característicos da competência informacional no documento <i>Information Literacy Competency Standards for Higher Education</i> .
2000	No Brasil, Caragnato traduziu o termo para <i>alfabetização informacional</i> .
2001	Na Universidade de São Paulo (USP), Dudziak defendeu a dissertação intitulada <i>A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas</i>

Ano	Eventos (Continua)
2002	Campello publica Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica, com um capítulo “A competência informacional na educação para o século XXI”
2003	A revista Ciência da Informação, em seu volume 32, número 3, Campello publica o artigo “O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional”

Fonte: Jairo Passos. Dados da pesquisa, 2017.

Conforme Campello (2003) é possível dizer que *information literacy* designa competências que envolvem a busca e uso da informação, tanto para a geração de conhecimento quanto para a tomada de decisões ao longo da vida. Decisões estas que podem estar relacionadas a soluções de situações simples do dia a dia, ou mesmo decisões ligas aos estudos, à vida acadêmica ou à vida profissional.

É neste momento que o bibliotecário como profissional da informação pode aplicar suas habilidades e competências relacionadas à promoção da leitura, do debate e do treinamento dos usuários quanto ao uso de diferentes fontes, inclusive no tocante às tarefas de recuperação da informação. E como será tratado mais adiante, a leitura ocupa um papel primordial no processo de competência informacional, razão pela qual ela será retomada mais adiante.

### 3.1.1 A sociedade da informação e as Tecnologias da Informação e Comunicação

De forma objetiva, pode-se dizer que a sociedade hoje tida como “da informação” é o espaço onde acontece o movimento da competência informacional. Diante da crescente produção de informações, formas de acesso, variedade de suportes, observa-se a necessidade de atualização, adaptação e até mesmo a exigência do domínio dessas competências pelos bibliotecários e pelos cidadãos. Como citado por Campello (2003, p. 33), a chamada sociedade da informação: “É um ambiente tão diferente e mutante que exige novas habilidades para nele se sobreviver”.

Conforme Castells (1999), a sociedade contemporânea caracteriza-se pelo uso intensivo de tecnologias para resolver problemas relacionados às demandas de informação. Como advoga esse autor, essas ferramentas aumentam o acesso à informação e conectamos indivíduos em escala global. Diante desse contexto, Campello (2003) demonstra preocupação

quanto à fluência no uso da tecnologia como um dos componentes da competência informacional. Ainda assim, para ela, não basta apenas ter o domínio dessas ferramentas tecnológicas, mas também raciocínio lógico, a atitude ética e discernimento quanto ao melhor uso da informação.

Em meio a esse discurso, o bibliotecário pode ser pensado como um agente mediador no desenvolvimento da competência informacional, tal como cita Campello (2003, p. 33):

O bibliotecário é a figura central no discurso da competência informacional. Os autores fazem coro na exortação à transformação pela qual ele precisa passar se quiser envolver-se no movimento. Longas listas de atribuições são elaboradas para descrever o que o novo bibliotecário, envolvido com a aprendizagem, deve ser e fazer.

É notável como o discurso da competência informacional procura enaltecer o bibliotecário. Entretanto, no trabalho acima, Campello (2003) mostra que esse discurso nem sempre está alinhado à realidade desse profissional. Realidade essa que vai desde a falta de compreensão de sua função, de apoio da instituição em que trabalha e até mesmo da falta de autovalorização diante da profissão. Ela também ressalta que, ao atingir seu objetivo de servir à comunidade de aprendizagem, esse profissional encontrará satisfação vinda de seu comprometimento com o auxílio na aprendizagem ativa e criativa voltada para a resolução de problemas dos usuários.

Apesar do discurso enaltecedor e estimulante a respeito da profissão, percebe-se que as tecnologias da informação às vezes proporcionam algumas dificuldades, sobretudo quando não funcionam de modo eficiente. Neste sentido, *softwares* e *hardwares* precisam estar atualizados, em constante manutenção. Neste contexto, a tecnologia acaba demanda competência técnica por parte do bibliotecário.

### **3.2 A biblioteca pública e seus usuários**

Na introdução a este estudo, narrou-se de forma breve a questão do uso do conhecimento, de suas formas de armazenamento e de recuperação até chegar às bibliotecas dos dias hoje. Mas onde fica a biblioteca pública nesse processo? Segundo Brettas (2010), essa instituição passou a ser efetivamente pública após a Revolução Francesa, quando as bibliotecas e arquivos foram abertos à população.

Foi somente quando os serviços aos usuários começaram a ser organizados de maneira sistemática é que as bibliotecas públicas propriamente ditas emergiram mais amplamente.

O Manifesto da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA, 1994, p.1) para as Bibliotecas Públicas define as define assim:

Porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais. [...] A biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros. Os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social. Todos os grupos etários devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As coleções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriadas assim como materiais tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As coleções devem refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação.

De acordo com esse manifesto identificamos que toda biblioteca, seja ela pública, escolar ou universitária deve estar apta para atender as necessidades de informação da comunidade local sempre procurando oferecer um material de qualidade e adequados a mesma. Entretanto, para que se torne uma realidade prática, uma das ferramentas que facilita esse objetivo é o maior domínio possível das competências informacionais. Isso mostra a relação direta entre o desenvolvimento da biblioteca pública e o uso das competências que facilitam o acesso à informação para o usuário. Fica claro também quando o documento citado menciona que os serviços devem ter tecnologias modernas apropriadas. Logo, quanto mais moderna e adaptada às necessidades locais for a biblioteca, maior a necessidade de profissionais capacitados para lidar com os diferentes recursos de informação e usuários.

Com a consolidação dessas bibliotecas foram desenvolvidas várias teorias educacionais. De acordo com Campello (2003, p. 29):

A biblioteca era então influenciada pelas teorias educacionais que privilegiavam métodos de aprendizagem dinâmicos e centrados no aluno e que tomavam o lugar do ensino verbalista centrado no professor. Essas teorias estimularam a ação dos bibliotecários, que percebiam que a biblioteca tinha contribuição importante a dar no apoio às novas estratégias didáticas.

Para além de guardar livros, a biblioteca pública tem hoje papel fundamental na sociedade, sobretudo quando se torna um local de sociabilidade, de debates e de manifestações culturais e artísticas, explorando seu papel na democratização da cultura

letrada. É por esse conjunto de fatores que se pode afirmar que ela é um centro de promoção cultural, servindo como porta de entrada para o conhecimento local ou especializado, ao modo como afirma a IFLA em sua definição de biblioteca pública.

Dentro do atual contexto de sociedade da informação, percebe-se que o usuário de bibliotecas públicas tem uma grande quantidade de informações à sua disposição. Por outro lado, isto não significa que ele saiba identificar, filtrar, analisar e utilizar essas informações. Cria-se, então, uma demanda para a atuação do bibliotecário no processo de treinamento e/ou auxílio dos usuários.

A grande demanda por informação de qualidade encontra por vezes a barreira causada pelo uso cada vez mais frequente da Internet. Isso aponta para a necessidade de um bibliotecário cada vez mais capacitado em tecnologias da informação e comprometido com a promoção do acesso ao conteúdo dos acervos das bibliotecas. De acordo com o manifesto da IFLA sobre a Internet, “As bibliotecas devem facilitar o acesso de qualidade através de pessoal bem treinado, plenamente informado sobre a capacidade tecnológica da biblioteca e seu potencial para atender a demanda dos usuários” (IFLA, 2006, p. 24).

O uso da competência informacional se torna indispensável no contato entre usuário de biblioteca pública e o bibliotecário. Ainda citando o manifesto IFLA sobre a Internet (2006, p.24), vê-se que “Os bibliotecários devem fornecer aos usuários a informação e os recursos para que aprendam a usar eficiente e eficazmente a Internet”. Dessa forma, identifica-se através dessa prática a relação entre bibliotecário e usuário mediada pela informação e pelos recursos informacionais disponíveis nas bibliotecas. Como consequência, pode-se dizer que nessa relação:

1. As bibliotecas públicas lidam com uma ampla diversidade de conhecimentos e usuários, portanto, os bibliotecários também lidam com informação das mais diferentes áreas do conhecimento e com diferentes percepções de mundo para auxiliar ao público que atendem;
2. O bibliotecário passa a (ou deveria) atuar como um profissional ativo no processo de tomada de decisão dos indivíduos, tornando-se, assim, um agente social, um mediador e;
3. Como agente social, ele é capaz de contribuir para o desenvolvimento e para a evolução do usuário em sua relação com a informação, construindo um contexto de conhecimento mais bem-sucedido.

Na relação bibliotecário/usuário, o contexto acima pode propiciar o aprendizado sobre a identificação das necessidades de informação, bem como as formas eficientes de recuperação, armazenamento, análise e uso, exigindo o trabalho efetivo do bibliotecário como um educador. Deste modo e conforme Jambeiro et al (2005, p. 33):

A alfabetização em informação deve criar aprendizes ao longo da vida, pessoas capazes de encontrar, avaliar e usar informação eficazmente, para resolver problemas ou tomar decisões. Uma pessoa alfabetizada em informação seria aquela pessoa capaz de identificar a necessidade de informação, organizá-la e aplicá-la na prática, integrando-a um corpo de conhecimentos existentes e usando-a na solução de problemas.

É possível falar, então, de uma relação que vai além do simples treinamento ou da mera orientação de usuários. Mas como a leitura pode ser pensada na relação usuário e informação?

### **3.3 A leitura como um ato de informação**

Com ensina Silva (1991), a leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as relações existentes no mundo. Neste sentido:

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história e é social porque está sujeita às convenções lingüísticas, ao contexto social, à política (NUNES, 1994, p.14).

Sendo assim, a leitura pode ser entendida como um ato de formação do indivíduo/usuário, que auxilia na construção da cidadania, à medida que oferece a possibilidade de ter acesso à informação em sua modalidade escrita. Ela também viabiliza a reconfiguração das relações do indivíduo consigo mesmo, com a sociedade e com o mundo, à medida que contribui para o desenvolvimento do senso crítico<sup>2</sup> e da autonomia do pensamento no leitor.

---

<sup>2</sup> Na tradição escolástica e mesmo ainda na filosofia cartesiana, órgão central que unifica as impressões oriundas dos diferentes sentidos, constituindo a unidade dos dados sensoriais e, portanto, do objeto. Em uma acepção mais típica do pensamento moderno, o senso comum é um conjunto de opiniões e valores característicos daquilo que é correntemente aceito em um meio social determinado (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1998).

Na competência informacional, quando o bibliotecário contribui ativamente com a indicação de leituras, no estímulo ao debate e nas discussões sobre diferentes temas do interesse dos usuários, de certa forma ele está assumindo um papel ativo na formação dos cidadãos, além de disseminar informação e cultura. Ao contrário, em situações de falta de incentivo ou de desestímulo, a ausência do hábito da leitura se torna uma barreira às ações de competência informacional.

Talvez uma das principais dificuldades na formação dos indivíduos para a aquisição de uma cultura de leitura e de escrita possa ter origem no fato de que:

Se estudar para nós não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação (FREIRE, 1997, p.37).

É possível enxergar, desta forma, a importância da discussão sobre o tema da competência informacional nas bibliotecas públicas brasileiras. Sendo assim, desde o *information power*<sup>3</sup> o bibliotecário vem procurando assumir a função social de mostrar ao usuário os caminhos para que a leitura possa produzir os benefícios prometidos para a sociedade, como o de ter leitores habituais, experientes, críticos, autônomos e comprometidos com o desenvolvimento de sua comunidade.

---

<sup>3</sup> *Information Power* pode ser considerado o documento que concretiza a assimilação do conceito de competência informacional pela classe bibliotecária (CAMPELLO, 2003).

## 4 METODOLOGIA

Esta seção tem como objetivo descrever os caminhos traçados para o desenvolvimento desta pesquisa quanto às questões e aos objetivos propostos.

Quanto ao tipo de pesquisa, aqui é feita a escolha pela pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2010), as pesquisas exploratórias têm como principal objetivo o esclarecimento ou a mudança de conceitos ou ideias, com vista à formulação de problemas mais precisos ou de hipóteses que possam ser objeto de estudos posteriores. Conforme o autor:

As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2010, p. 27).

Como sugerido, o ponto de partida de uma investigação científica tem início com a realização da pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de material já elaborado, formado principalmente de livros e artigos científicos que precisam ser explorados pelo pesquisador por meio da leitura para identificar conceitos, teorias, evidências empíricas e discussões do interesse da pesquisa.

Neste sentido, o levantamento preliminar realizado para elaboração deste estudo foi ampliado com os trabalhos de Gasque (2013), Vitorino e Piantola (2009), Mata e Casarin (2018), complementado também pela identificação e acesso a outras fontes existentes sobre o conceito de competência informacional, suas teorizações e aplicações.

### 4.1 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pela técnica do grupo focal, comum em pesquisas de abordagem qualitativa. Segundo Gondim (2003, p.151) citando Morgan (1997), os grupos focais correspondem a uma técnica de pesquisa para a coleta de dados por meio de interações grupais discutindo um tópico ou tópicos especiais sugeridos pelo pesquisador. Esta técnica serve como uma posição transitória entre a observação participante e a entrevista mais aprofundada.

O sentido do grupo focal está baseado no andamento da entrevista grupal e no papel do entrevistador em sua abordagem. No grupo focal, quem assume o papel de facilitador da discussão é o moderador. O foco do moderador não é ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas, e sim, enfatizar a formação de opiniões sobre um referido tema. No grupo focal, não se busca um consenso e sim a heterogeneidade das ideias, com o moderador buscando meios para criar um ambiente em que todas as opiniões sobre o tema em discussão sejam ouvidas, defendidas, revisadas e até sirvam de base para outros pontos de vista.

Desta forma, percebe-se que o uso da técnica de grupo focal propõe-se à coleta de informações e opiniões que possam despertar reflexões, instigar ou até mesmo refutar teorias, promovendo, assim, o desenvolvimento de novas ideias. A este respeito, Gondim (2003, p. 152) diz que o:

Uso dos grupos focais está relacionado com os pressupostos e premissas do pesquisador. Alguns recorrem a eles como forma de reunir informações necessárias para a tomada de decisão; outros os veem como promotores da autorreflexão e da transformação social e há aqueles que os interpretam como uma técnica para a exploração de um tema pouco conhecido, visando o delineamento de pesquisas futuras.

Com base no exposto, a construção do grupo focal se deu com a participação voluntária dos alunos em formação, bem como dos concluintes do curso de Biblioteconomia da UFPA, tanto de turmas do período matutino quanto de turmas do período noturno. Para tanto, fez-se convites aleatórios a quinze discentes para um encontro pré-agendado nas instalações da Faculdade de Biblioteconomia (FABIB), no dia 14 de novembro de 2017, contando com a participação de 11 estudantes, o que conforme Gondim (2003) representa um quantitativo aceitável. Na oportunidade, os participantes foram estimulados a expressar seus pontos de vista sobre o tema da competência informacional, especificamente relacionados ao conceito e suas práticas pelos bibliotecários.

O registro discursivo do grupo focal foi realizado mediante o aceite prévio dos participantes. Neste sentido, assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice A), registros escritos e audiovisuais foram produzidos durante o encontro do grupo. Ainda com relação a essa atividade burocrática da pesquisa, importa dizer que ela foi fundamental para a obtenção das autorizações dos participantes, atendendo ao que instrui a Resolução nº 510/2016 (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016) quanto às pesquisas envolvendo o uso de seres humanos nas Ciências Humanas, o que se aplica também às

Ciências Sociais Aplicadas, grande área do conhecimento da qual participa a Biblioteconomia.

Além do grupo focal, a pesquisa também utilizou a técnica da entrevista semiestruturada com os participantes que se revelaram colaboradores promissores. Conforme Triviños (1987, p. 146), a entrevista semiestruturada consiste em questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses relacionadas ao tema da pesquisa. Os questionamentos deram fruto a novas hipóteses, surgidas a partir das respostas dos participantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. A decisão pelo uso desse instrumento de coleta de dados se deu em função da necessidade de aprofundar a compreensão dos participantes sobre pontos manifestos durante a seção de grupo focal.

#### **4.2 Organização e análise dos dados**

Uma vez coletados, os dados foram objeto de transcrição para salvaguarda em arquivos de computador individuais. A codificação dos arquivos para fins de preservação da identidade dos alunos obedeceu a seguinte convenção:

- Estudante = E;
- Turno = M (Manhã) ou N (Noite);
- Sexo = M (Masculino) ou F (Feminino);
- Ano de ingresso;
- Inicial do nome do (a) estudante.

Onde: o arquivo da estudante Clara Nunes, da turma matutina de 2016, por exemplo, será codificado como: EMF2016C. Com base nessas orientações, o grupo focal está caracterizado no **Quadro 2**.

**Quadro 2** - Codificação dos participantes do grupo focal.

<b>Estudante</b>	<b>Turno</b>	<b>Sexo</b>	<b>Ano de ingresso</b>	<b>Inicial do nome</b>	<b>Código</b>
E	Manhã	M	2017	J	EMM2017J
E	Manhã	F	2017	C	EMF2017C
E	Manhã	F	2011	K	EMF2011K
E	Manhã	M	2017	V	EMM2017V
E	Noite	M	2014	A	ENM2014A
E	Noite	M	2016	G	ENM2016G
E	Noite	F	2015	R	ENF2015R
E	Noite	M	2016	R	ENM2016R
E	Manhã	M	2015	P	EMM2015P
E	Manhã	M	2014	N	EMM2014N
E	Noite	F	2014	C	ENF2014C

Fonte: Jairo Passos. Dados da pesquisa, 2017.

Devidamente tratados, os dados foram submetidos à etapa da análise. Segundo Fernandes citado por Alves e Silva (1992, p.65), a:

Análise qualitativa se caracteriza por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual (teoria) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, mesmo porque um trabalho desta natureza não tem a pretensão de atingir o limiar da representatividade.

Assim, considerando as especificidades das questões e dos objetivos deste estudo, as falas dos (as) alunos (as) foram decompostas em palavras e expressões significativas, cujo sentido convergiu para as questões propostas desde o projeto inicial. Esta decomposição das falas foi necessária para permitir a exploração do potencial informativo dos participantes em relação às suas percepções individuais e/ou grupais sobre o conceito de competência informacional e suas práticas. Durante a análise, as palavras e expressões significativas foram confrontadas com o quadro teórico aqui mobilizado para a compreensão das percepções dos estudantes do curso de Biblioteconomia em relação à competência informacional, precisamente quanto à dimensão ética, estética, política e técnica.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aos estudantes participantes do grupo focal foram dirigidas quatro questões relacionadas ao tema da competência informacional, a saber:

- 1) O que é competência informacional?
- 2) Como você acha que o bibliotecário pode trabalhar as competências informacionais na biblioteca?
- 3) Quais as principais dificuldades que você identifica na disciplina Leitura e Competência Informacional?
- 4) Quais as vantagens percebidas pelos alunos sobre a disciplina?

Em relação à primeira questão, foi solicitado aos estudantes que fornecessem a resposta por escrito. Esta estratégia foi necessária para melhor identificar o entendimento de cada participante sobre o conceito de competência informacional.

O registro das respostas para a segunda e terceira questões foi realizado por meio de vídeo, resultando em um material com duração aproximada de 45 minutos.

Na segunda questão proposta ao grupo, procurou-se saber o ponto de vista dos participantes quanto à forma como o bibliotecário pode contribuir para o desenvolvimento das competências informacionais dos usuários.

Na terceira questão buscou-se identificar possíveis dificuldades sentidas pelos alunos por ocasião da disciplina Leitura e Competência Informacional.

Com a última questão procurou-se identificar as vantagens percebidas pelos alunos quanto à disciplina cursada, expressando assim, os aspectos positivos decorrentes do contato com o conteúdo da disciplina. Em busca de resposta a esta pergunta empregou-se a entrevista semiestruturada com alunos escolhidos entre o grupo focal pela facilidade na comunicação oral.

Feitos esses esclarecimentos, nas sessões seguintes são apresentados e analisados os dados reunidos juntos aos estudantes que compuseram o grupo focal. Esse material empírico foi acrescido de quatro entrevistas. Uma delas foi realizada com o Professor Doutor Hamilton Vieira de Oliveira, então diretor da FABIB, precisamente no dia 19 de dezembro de 2017. Outras três entrevistas foram realizadas com os estudantes (EMM2015P), (EMM2017V) e (ENM2016G) nos dias 9, 10 e 14 de janeiro de 2018, respectivamente.

## 5.1 Percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre competência informacional

Aos onze participantes do grupo focal foi conduzida uma questão central para este estudo, a saber: o que é competência informacional? Como resposta obteve-se as seguintes falas:

### **EMM2017J:**

“A competência informacional é a **habilidade** de **compreender** um texto e a partir dessa compreensão, ter a eficácia de **divulgar** o conteúdo aprendido, **disseminando a informação**, de maneira que o receptor absorva esse conhecimento. Por conseguinte, ao ato de compreender tem sua visão de que todo conhecimento do mundo adquirido ao longo da formação acadêmica preenche (ou não) a **lacuna deixada pela boa (ou má) formação do hábito de ler**”.

### **EMF2017C:**

“Observei durante as aulas da graduação que os textos, artigos e livros recomendados pelos professores eram de assuntos que antes nunca ouvi falar. Assuntos diversos, que se não fosse o curso, nem saberia que existiam. Na competência informacional, **aprendi** a tentar fazer ligações de assuntos que tenho um breve entendimento e, assim, possa interligar conteúdos. Lendo várias vezes para compreender o assunto tratado e a partir dos meus conhecimentos elaborar uma nova perspectiva do assunto, absorvendo as **informações** relevantes e importantes de um documento que possam servir de base para um estudo mais avançado, ou até **uma forma de obter conhecimento** que antes não participava da minha vida. Não estava no meu cotidiano. Tornando-se, assim, um aprendizado que eu possa levar para **toda a vida**”.

### **EMF2011K:**

“É o bibliotecário estar apto a oferecer a **informação com rapidez e precisão** ao usuário. Que busca conhecer as demandas que a biblioteca oferece à comunidade, seja ela universitária, escolar, especializada, pública, etc. Ou seja, procurar estar preparado, **conhecendo o seu público alvo**, assim como estar em um ambiente de trabalho onde todos da biblioteca estejam atuando juntos para oferecer seus **serviços à comunidade**”.

**EMM2017V:**

“Observa-se que a competência informacional está direcionada às **habilidades que o bibliotecário desempenha no processo de tratamento e disseminação da informação**, em que a **leitura é o principal instrumento nesse processo**, pois encaminha o leitor e favorece sua compreensão do conhecimento. O profissional necessita ter a **competência para saber lidar com a informação**, para obtenção de resultados em seu **ambiente informacional**”.

**ENM2014A:**

“Ser competente informacional significa saber **usar e disseminar** a informação de maneira adequada e verdadeira. Para isso, é necessário que tenha a **habilidade de selecionar e identificar a informação que melhor atenda as suas necessidades**”.

**ENM2016G:**

“É a capacidade de **busca pela informação de alta confiabilidade**, da **seleção e bom uso** da mesma, de maneira a suprir as necessidades informacionais sobre determinado assunto, seja ele geral ou específico. Do **conhecimento de técnicas de pesquisa e fontes de informação** reconhecida pelo trabalho de **avaliação e/ou classificação de conteúdo**”.

**ENF2015R:**

“Competência informacional é a **capacidade** que o indivíduo (usuário) desenvolve de maneira a **buscar, avaliar** e usar instrumentos para suprir uma necessidade informacional. E também, a forma que ele lida com a informação”.

**ENM2016R:**

“Competência informacional configura-se como: desenvolver aptidões nos processos de **análise de informações** visando **interpretar dados** e colocá-los à disposição para atender as **necessidades informacionais** de determinado indivíduo, ou a para si próprio. Visa desenvolver competências para o domínio e conhecimento de diversas **técnicas de aprendizagem**. Ou seja, é o **aprender a aprender**”.

**EMM2015P:**

“A competência informacional é um **desenvolvimento de habilidades** em um determinado ambiente que pode ocasionar a **resolução de problemas**. Começando pela identificação da questão até a **reunião de informações** necessárias”.

**EMM2014N:**

“A competência informacional, na minha concepção, é a **habilidade** que o **profissional de Biblioteconomia** tem de utilizar os **métodos corretos**, tanto no campo teórico quanto no **campo referencial** (voltado ao seu público) para a execução de **serviços e produtos** voltados para determinada **comunidade**”.

**ENF2014C:**

“Acredito que seja como **a informação é trabalhada e repassada ao usuário**. O que pode ser atribuído para que essa informação chegue ao destino final (usuário) e as diretrizes que são agregadas ela. Também como saber **lidar com a informação** e quais **métodos de trabalhar** com a mesma”.

Analisando as respostas dos participantes do grupo a respeito do conceito de cada um sobre competência informacional, destacou-se 49 frases e termos, onde dois se referiam à dimensão ética, seis a dimensão estética, três sobre a dimensão política e as 38 restantes focaram na dimensão técnica. Em seu conjunto esses dados aparecem representados na **Tabela 1**.

**Tabela 1** – Dimensões presentes nas percepções do grupo focal sobre o conceito de competência informacional.

<b>Dimensão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Estética	6	12
Ética	2	4
Política	3	6
Técnica	38	78
<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>100</b>

Fonte: Jairo Passos. Dados da pesquisa, 2018.

Verifica-se nas percepções dos estudantes uma preocupação com a dimensão técnica da competência informacional. Vitorino e Piantola (2011) definem essa dimensão como uma habilidade para a realização de determinada ação ou ofício. Ou seja, algo prático, que se desenvolve no dia a dia e de caráter objetivo.

Esse dado é compreensível quando se compreende as condições das pessoas que compõem o grupo focal, ou seja, de estudantes de Biblioteconomia, pessoas que ainda se

encontram em processo de formação profissional para o mercado de trabalho. Isto as coloca no centro do aprendizado e do desenvolvimento das habilidades e dos valores relacionados à capacidade de saber encontrar, avaliar e usar a informação de modo eficaz, especialmente na solução de problemas e na tomada de decisões, tal como destacam Vitorino e Piantola (2011), Campello (2003) e Dudziak (2003). Assim, a preocupação dos estudantes em foco reside na formação, isto é, em sua preparação para o mercado de trabalho como futuros profissionais da informação, a fim de que possam ser hábeis para dar assistência aos usuários em suas necessidades informacionais.

## **5.2 Percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre a atuação do bibliotecário na competência informacional**

Com base nos dados obtidos das falas espontâneas do grupo focal, registradas em vídeo, abaixo são destacadas as palavras e expressões significativas relacionadas às percepções dos estudantes quanto à atuação do bibliotecário no desenvolvimento da competência informacional dos usuários de bibliotecas:

### **EMM2017J:**

“Quando entrei na faculdade, a primeira coisa que aprendi foi que o bom bibliotecário deve saber ler para auxiliar o usuário na leitura, tendo sempre a **prática de leitura** para assim estimular e orientar na **busca** das informações”.

### **EMF2017C:**

“Devido à variedade do público atendido, o bibliotecário deve identificar os interesses do usuário conhecendo seu público e sabendo utilizar as tecnologias, sendo sempre um **profissional atualizado** e fazendo **uso de todos os recursos da biblioteca**”.

### **EMF2011K:**

“Na competência informacional, o bibliotecário deve estar bem inserido em um **ambiente organizacional equilibrado**. Se sou um **profissional atualizado**, dedicado, mas meu colega de trabalho não se preocupa com o usuário, isso acaba desestruturando todo o trabalho dentro da unidade. Eu posso estar atuando com competência, mas o outro profissional não. A biblioteca deve estar em harmonia com seus profissionais e usuários”.

**EMM2017V:**

“Na minha concepção, o bibliotecário deve ter essa habilidade. Antes dele **disseminar a informação** ao usuário, ele deve exercer constantemente o **uso das tecnologias da informação**, desenvolver atividades que desenvolvam o uso da biblioteca e sempre **estar atualizado**”.

**ENM2014A:**

“Uma das características da competência informacional é a **seletividade**. Como o bibliotecário pode trabalhar **selecionando a informação**, não qualquer informação. **Ensinando seus usuários a buscar a informação** desejada”.

**ENM2016G:**

“Acredito que seja **treinando o usuário** que está inserido na biblioteca. Seja ela escolar especial ou universitária, a capacidade de **busca no sistema** deve ser facilitada pelo **acervo devidamente classificado**”.

**ENF2015R:**

“Eu acho que o bibliotecário antes de tudo deve ter essa competência de **seletividade** e **saber encontrara informação** para poder passar para o maior número de usuários”.

**ENM2016R:**

“Uma prática que busca inserir os usuários em práticas que visem a **recuperação da informação**. Utilizando as novas tecnologias da informação que possam **estimular na busca de informações** e que vão contribuir com o **desenvolvimento do usuário**”.

**EMM2015P:**

“Todos têm necessidade de informação. O profissional da informação tem que saber identificar no ambiente de trabalho, esse público. Sabendo **selecionar material adequado** e promover, assim, o **acesso à informação**”.

**EMM2014N:**

“A minha concepção da atuação do bibliotecário na competência informacional se baseia em dois pontos. O primeiro, independentemente do tipo de biblioteca e de inserir o usuário nos

produtos e serviços, ele deve entender o **ambiente organizacional**. O segundo ponto, talvez o mais importante, é o **bibliotecário humanista**, ou seja, aquele que se preocupa com seu público alvo. Não é aquele bibliotecário que outrora só pensava em produtos e serviços, nos livros, na classificação, etc. É o **profissional atualizado** e capaz de se preocupar e ter **ligação com o público**, saber trabalhar com as pessoas”.

**ENF2014C:**

“Acredito que seja através do **tratamento da informação**. Aproveitando todos os recursos que a unidade dispõe. O bibliotecário como **profissional atualizado** tem que estar capacitado para ensinar o usuário a usufruir pelo menos 90% de tudo que a biblioteca oferece e **aproveitar todos os recursos da biblioteca** na busca pela informação, além de saber gerenciá-la”.

Sobre as percepções dos discentes de Biblioteconomia quanto ao modo como o bibliotecário pode desenvolver a competência informacional na biblioteca, nota-se um olhar mais voltado à dimensão estética e técnica, tal como está representado na **Tabela 2**. Segundo Orelo e Vitorino (2012), a dimensão estética é aquela que se relaciona com a criatividade e a sensibilidade, refletindo-se dessa forma a uma sociedade transformadora. Isso porque essa dimensão comporta ideias de liberdade humana. Logo, a dimensão estética se relaciona com a construção do conhecimento pela sensibilidade, com potencial para contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do indivíduo.

**Tabela 2** – Dimensões presentes nas percepções do grupo focal sobre a atuação do bibliotecário na competência informacional.

<b>Dimensão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Estética	14	39
Ética	6	17
Política	2	5
Técnica	14	39
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>100</b>

Fonte: Jairo Passos. Dados da pesquisa, 2018.

Na fala dos participantes do grupo focal é possível identificar o equilíbrio entre percepções estéticas e técnicas da competência informacional. Significa dizer que a

preocupação com as relações bibliotecário/usuário e bibliotecário/bibliotecário – expressa pelos termos “bibliotecário humanista”, “ambiente organizacional”, “ligação com o público” e outros – se articula com a visão técnica (uso de tecnologia, treinamento de usuários, busca e seleção da informação, etc.). Neste sentido, o bibliotecário surge na percepção dos participantes como um agente social, dotado também de habilidades profissionais que precisam ser colocadas a serviços do usuário, indivíduo que, aliás, consiste no foco das falas dos estudantes contatados.

A menor frequência da dimensão ética e política – respectivamente seis e dois – em relação ao desenvolvimento da competência informacional, por sua vez, sugere dificuldades quanto ao modo como esses princípios podem ser trabalhados pelos bibliotecários junto aos usuários. Neste sentido, a própria relação entre bibliotecário parece não ser percebida pelos alunos como um exercício político pelo qual são negociadas perguntas e respostas, bem como fundamentadas na ética quanto ao acesso e uso da informação.

Em relação à atuação do bibliotecário na competência informacional, verifica-se também uma preocupação dos alunos em desenvolvê-la nos usuários, pois entre os participantes observa-se a menção ao aprendizado contínuo. Isso está bem colocado nas respostas da segunda questão feita ao grupo focal, onde termos como “aprender a aprender”, “selecionar material adequado”, “estimular na busca de informações” e “treinamento de usuários” apontam para o constante aperfeiçoamento das habilidades relacionadas à informação.

Nota-se, também, que entre os membros do grupo focal composto por alunos das turmas de 2011 a 2017 existe o entendimento da necessidade do curso de Biblioteconomia formar bibliotecários competentes em informação. Isto porque compreendem que precisam estar aptos a desenvolver as habilidades de identificação, seleção, organização, recuperação, disseminação e uso da informação entre os usuários. Habilidades essas que requerem aprendizado ao longo da vida, o que para Orelo e Vitorino (2012, p.47) é colocado como:

O “aprender a aprender” pode-se dizer, é a essência para o desenvolvimento humano e permite que o cidadão adquira habilidades cognitivas, comece a pensar criticamente, o que, por sua vez, é fundamental para o exercício da cidadania.

Ao confrontar as percepções dos alunos sobre a atuação do bibliotecário com o quadro teórico aqui exposto, fica claro que a competência informacional está inserida na essência do aprendizado ao longo da vida para toda a sociedade, sobretudo com o advento da Internet,

hoje também acessada a partir da telefonia móvel. Deste modo, enquanto se aperfeiçoam com as novas formas de trabalhar a informação que surgem a cada tempo, os bibliotecários podem melhor capacitar o usuário a buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva, a fim de que possa atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais.

### **5.3 Percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre as possíveis dificuldades na disciplina Leitura e Competência Informacional**

**EMM2017J:**

“Estou aprendendo ainda o que é competência informacional. No momento não encontro possíveis dificuldades”.

**EMF2017C:**

“Não encontrei dificuldades nessa disciplina”.

**EMF2011K:**

“Poucas dificuldades nessa matéria”.

**EMM2017V:**

“Tenho dificuldades em aplicar esse conceito na biblioteca, assim entender como funciona a estrutura da biblioteca e em identificar as necessidades do usuário”.

**ENM2014A:**

“Tive muitas dificuldades para compreender o conceito de competência informacional. Faltou discussão e uma definição mais clara desse conceito”.

**ENM2016G:**

“Tenho dificuldade em enumerar autores que definam esse conceito de forma teórica”.

**ENF2015R:**

“Encontrei dificuldades em enumerar e definir quais são essas competências”.

**ENM2016R:**

“Dificuldade em compreender o conceito de como recuperar e levar informação ao usuário”.

**EMM2015P:**

“Foi um tanto novo e um pouco difícil entender o conceito. Pois informação é algo não muito fácil de definir”.

**EMM2014N:**

“Na época que fiz essa disciplina, eu não consegui captar nada. Só compreendi o conceito anos depois através de prática em bibliotecas”.

**ENF2014C:**

“Não houve ganhos com a disciplina”.

Quanto às percepções sobre as dificuldades encontradas na disciplina Leitura e Competência Informacional, os resultados encontrados no presente estudo mostram que dos onze alunos do grupo focal, oito mencionaram dúvidas na compreensão do conceito e sobre como aplicar as habilidades técnicas no contexto das bibliotecas. Esse dado pode ser visualizado na **Tabela 3**.

**Tabela 3** - Percepções do grupo focal sobre as dificuldades encontradas na disciplina Leitura e Competência Informacional.

<b>Dimensão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Estética	-	-
Ética	-	-
Política	-	-
Técnica	8	100
<b>Total</b>	8	100

Fonte: Jairo Passos. Dados da pesquisa, 2018.

Todas as dificuldades mencionadas pelos participantes do grupo focal são oriundas da dimensão técnica, o que sugere um possível ajuste na condução da disciplina em sala de aula. Melhor dizendo, é preciso explicitar a relação da competência informacional com outras disciplinas da matriz curricular do curso de Biblioteconomia da UFPA, a saber:

- Elaboração do Trabalho Acadêmico;
- Fonte de Informação I e II; Elaboração do Trabalho Acadêmico;
- Linguagens de Indexação;
- Mediação e Uso da Informação;
- Normalização de Documentos;
- Prática de Recuperação da Informação;
- Prática de Representação da Informação I e II;
- Prática em Gestão de Unidades de Informação;
- Prática em Mediação da Informação;
- Representação Descritiva da Informação I, II e III;
- Representação Temática da Informação I, II e III.

Não se pode perder de vista que o desenvolvimento da competência informacional do bibliotecário articula as disciplinas técnicas com as teóricas – algumas das quais fazem parte da formação humanista desse profissional da informação – que na UFPA compõem-se de:

- Desenvolvimento de coleções;
- Editoração;
- Estatística aplicada a Biblioteconomia;
- Ética e Informação;
- Fundamentos de Filosofia e da lógica;
- História da Arte;
- História dos livros e das bibliotecas;
- Inglês para bibliotecários;
- Panorama Histórico das Literaturas;
- Pesquisa em Biblioteconomia;
- Planejamento de Bases de Dados;
- Planejamento de Unidades de Informação;
- Tecnologias da Informação e comunicação;
- Teoria da Comunicação e Informação;
- Teoria Geral da Administração.

Aqui importa, inclusive, fazer uma breve recapitulação das origens da disciplina Leitura e Competência Informacional no curso de Biblioteconomia da UFPA. Nesta direção, recorre-se à narrativa colhida com o professor Hamilton Vieira:

A diretoria e o corpo docente da Faculdade haviam incluído na reforma curricular de 1993 – 25 anos atrás – uma disciplina chamada Leitura e Formação de Leitores. Note que era uma disciplina voltada apenas à questão da leitura e era optativa, pois não foi dada a devida importância até a reforma curricular de 2009. E de onde veio essa percepção que esse é um tema fundamental para a formação do bibliotecário? Toda a prestação de serviço do bibliotecário se sustenta no pressuposto de que as pessoas sabem usar a informação. E esse conceito de competência informacional, que inclui também o conceito de leitura, aborda o uso de tecnologias necessárias para localizar, recuperar, acessar e compreender os conteúdos. Ora, em qualquer biblioteca que exista um bibliotecário passa a ser responsabilidade de ele desenvolver no usuário capacitação necessária para utilizar todos os recursos que são oferecidos em uma biblioteca. Exemplificando, quando os bibliotecários promovem treinamento do portal da Capes, mostra que eles estão preocupados com seus usuários. Portanto, a inclusão dessa disciplina como obrigatória veio como uma resposta a essa necessidade identificada como movimento da competência informacional (Entrevista realizada em 19 dez. 2017).

Quando da oferta da disciplina Leitura e Formação de Leitores, em uma carga horária de 60 horas, esta era de caráter opcional. Conforme consta na ementa, o conteúdo versava sobre os seguintes pontos: leitura: conceito, objetivo, níveis, velocidade e vícios; métodos de estudo eficientes: o ato de aprender; o aperfeiçoamento da leitura; técnicas de memorização, registro, síntese e fixação da informação através da leitura; planejamento de atividades para desenvolver a formação de leitores (ver Anexo A).

Com a reformulação da então disciplina optativa para a disciplina eletiva Leitura e Competência Informacional, na reforma curricular de 2009, tem-se agora um conteúdo estruturado da seguinte forma: história da leitura no mundo ocidental; leitura e competência Informacional: questões conceituais; o movimento da competência informacional; teorias, práticas e estratégias de leitura como aperfeiçoamento pessoal e profissional; a leitura como um ato político e de cidadania; apreensão e produção de textos técnicos e acadêmicos; redação científica: o texto dissertativo; relatório/fichamento de leituras; métodos de comunicação oral (ver Anexo B).

Dito isso e retomando a discussão dos dados quanto às percepções dos estudantes de Biblioteconomia sobre as possíveis dificuldades na disciplina Leitura e Competência Informacional, nota-se também uma ausência das dimensões estética, ética e política. Essa

constatação das limitações de parte dos discentes em compreendê-las no contexto do conceito de competência informacional pode, assim, representar um desafio profissional futuro nas ações de caráter prático com os usuários.

Por meio das entrevistas realizadas com três estudantes, procurou-se aprofundar mais sobre as dificuldades encontradas na disciplina em questão. As falas obtidas são destacadas abaixo:

As dificuldades foram em suma: perceber a importância de desenvolver as competências, pois os instrumentos e metodologias não foram claros o bastante; a carência de indicações de leituras ou mesmo a própria bibliografia básica da disciplina, mesmo estando defasada, poderia ter facilitado; a falta de comunicação com outros saberes, pois é intrínseca a interdisciplinaridade do assunto “competência informacional” com matérias como gestão de unidades de informação, práticas de mediação, ou mesmo na elaboração de planos para entender as demandas informacionais (EMM2015P; entrevista realizada em 09 jan. 2018).

Mediante as dificuldades, eu, na minha concepção, estou diante das relações com as pessoas. Sei que a competência informacional em uma de suas dimensões aborda o lado humanista do bibliotecário, mas é difícil lidar com as pessoas em um ambiente de trabalho, pois são diversos gostos e opiniões que muitas vezes se tornam um empecilho para o bibliotecário desenvolver de maneira sólida a sua gestão. No entanto, vejo essa dificuldade se tornar para mim um desafio, pois de certa forma irá me incentivar de forma positiva a buscar novos meios, métodos de comunicação, sendo capazes de melhorar o meu trabalho como bibliotecário e possibilitando uma comunicação mais ampla e diversificada com determinado tipo de público. (EMM2017V; entrevista realizada em 10 jan. 2018).

Estou prestes a concluir a referida disciplina, e posso dizer que a maior dificuldade tem sido em relação aos trabalhos solicitados, não sei se pela forma como a professora solicita os mesmos, ou se os trabalhos em si exigem muita pesquisa. Um destes compreende a construção de um projeto de incentivo à leitura em uma biblioteca escolar. Foi um desafio dar início ao mesmo, muito por causa das várias dúvidas em relação à execução do trabalho. Fora isto, não houve mais nada de dificultoso (ENM2016G; entrevista realizada em 14 jan. 2018).

Nas falas acima, as dificuldades encontradas pelos estudantes referem-se à competência informacional em sua dimensão política e técnica. Enquanto a primeira está presente no desafio das relações entre pessoas, evocando o mais puro sentido da política, a segunda corresponde a complicações na execução de determinadas tarefas, mesmo aquelas ligadas à elaboração de trabalhos para as disciplinas do curso de Biblioteconomia.

Em termos gerais, a dimensão técnica é mais bem compreendida pelos participantes do que as demais. Embora essa dimensão seja necessária e fundamental, há que se trabalhar

melhor a estética, a ética e a política, a fim de melhor qualificar os estudantes de Biblioteconomia (VITORINO; PIANTOLA, 2011), o que no futuro se refletirá em uma melhor capacidade de contribuir com o aprendizado dos usuários no trato da informação.

#### **5.4 Sobre as vantagens percebidas pelos alunos que cursaram a disciplina Leitura e Competência Informacional**

##### **EMM2017J:**

“A disciplina está me ensinando a ter **amor pela leitura**. Agregou valor para mim através do aprender a aprender”.

##### **EMF2017C:**

“Durante a disciplina adquiri o **hábito pela leitura**, agreguei novos conhecimentos através do **uso da pesquisa**”.

##### **EMF2011K:**

“Aprendi a **ensinar o aluno a fazer pesquisa**, pois o bibliotecário atua como contribuinte no processo da leitura, que nem sempre é estimulada pelo professor. Dessa forma, é perceptível a importância dessa disciplina para o curso de Biblioteconomia”.

##### **EMM2017V:**

“Aprendi que a competência informacional é necessária na vida do bibliotecário e a disciplina está agregando no meu **desenvolvimento pessoal e profissional**”.

##### **ENM2014A:**

“Durante a disciplina, apresentei ganhos na ênfase que foi dada à biblioteca escolar, a questão da leitura e da **formação de leitores**”.

##### **ENM2016G:**

“Tive vantagens na **parte prática da disciplina**, pois **aprendi técnicas novas de pesquisa e a utilização de mapas mentais**”.

**ENF2015R:**

“Adquiri ganhos nas **técnicas de pesquisa** e no conceito de **aprender a aprender**”.

**ENM2016R:**

“Estou aprendendo e compreendendo **o conceito de competência informacional** e **agregando ele na minha vida**”.

**EMM2015P:**

“Aprendi através da **aplicação prática dos conceitos** teóricos a perceber as **necessidades do usuário**”.

**EMM2014N:**

“A disciplina em si foi satisfatória, pois agregou valor na minha vida, mesmo não compreendendo a parte teórica, ela acrescentou ganhos na **parte técnica e humanista**”.

**ENF2014C:**

“Não houve muitos ganhos. Pois tive pouco aproveitamento da matéria”.

Quanto às percepções sobre as vantagens da disciplina, os dados apresentados na **Tabela 4** sugerem resultados positivos, com ganhos expressos, sobretudo, nas dimensões técnica e estética. Na fala dos estudantes, todavia, tem-se o esvaziamento da dimensão política. Ressalta-se, nesta direção, que é no espaço político que se configuram os acordos e se firmam os compromissos coletivos, razão pela qual esta dimensão se articula com a moral e a ética como conteúdos que precisam reger essas relações. Sendo assim, o grupo focal parece ter dificuldade em perceber na competência informacional a importância do bom convívio, da boa relação entre si enquanto profissionais e, sobretudo, nas interações com os usuários.

Somente na fala de um estudante a dimensão ética é percebida em relação à competência informacional, precisamente na contribuição da disciplina para uma formação ética e humanista. Vitorino e Piantola (2011, p.106), neste sentido, explicam que “Praticar o comportamento ético em relação à informação significa ainda utilizá-la de modo responsável, sob a perspectiva da realização do bem comum”.

**Tabela 4** - Percepções do grupo focal sobre as vantagens da disciplina Leitura e Competência Informacional para a formação dos futuros bibliotecários

<b>Dimensão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Estética	4	25
Ética	1	6
Política	-	-
Técnica	11	69
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>100</b>

Fonte: Jairo Passos. Dados da pesquisa, 2018.

Ainda assim, é possível afirmar acerca de uma ausência da compreensão dos participantes do grupo focal quanto ao conceito da dimensão política da competência informacional. Segundo Farias e Vitorino (2009), “A dimensão política diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício dos direitos e deveres”. Baseado nessa linha de pensamento entende-se que é tarefa do bibliotecário contribuir para o desenvolvimento da competência informacional no campo político, utilizando os recursos disponíveis para analisar criticamente as situações que o afetam enquanto profissional e cidadão, comprometendo-se conscientemente com a satisfação das necessidades dos usuários em seu contexto social. Por conseguinte, é possível dizer que um profissional da informação competente é aquele que, criativo, emprega suas habilidades, conhecimentos, valores e atitudes em prol da sociedade em que vive.

Com base nas entrevistas é possível compreender melhor aquilo que alguns participantes do grupo focal veem como ganhos adquiridos com a disciplina Leitura e Competência Informacional. Como eles mesmos expõem:

Percebi a importância de sempre estar atualizado e a percepção de aprendizado continuado, no que concerne ao uso de tecnologias, elaboração de planos, projetos e metodologias adequada no espaço informacional que estiver ocupando (EMM2015P; entrevista realizada em 09 jan. 2018).

A disciplina Leitura e Competência Informacional se tornou de grande importância na minha vida profissional, pois, em seu conteúdo, ela aborda de maneira significativa a competência que o profissional bibliotecário deve ter, mediante os assuntos e as questões do seu ambiente de trabalho. Aplicando de forma objetiva e clara seus deveres e metas para a instituição e, claro, é fundamental citar que a competência informacional direciona o bibliotecário na tomada de decisões no desenvolvimento de atividades, e também na comunicação diária com os usuários e funcionários envolvidos no

desenvolvimento e trabalho da instituição, sem contar que essa disciplina proporciona ao bibliotecário no aprimoramento do seu aprendizado, estando em constante aperfeiçoamento de suas técnicas. Diante disso, são pontos de grande destaque e importância em minha opinião (EMM2017V; entrevista realizada em 10 jan. 2018).

As técnicas de estudo como mapa mental e esquemas acrescentaram muito no meu aprendizado, e me fizeram notar que a utilização dos mesmos facilita na compreensão de qualquer que seja o assunto (ENM2016G; entrevista realizada em 14 jan. 2018).

Já para os estudantes entrevistados, os ganhos com a disciplina aparecem principalmente nas dimensões estética, política e técnica, representadas, respectivamente, por termos e expressões como “aprendizado continuado”, “comunicação diária com os usuários e funcionários”, “mapa mental e esquemas”, entre outros. Todavia, quando esses dados são comparados ao que foi dito pelos mesmos estudantes em novembro de 2017, percebe-se uma mudança na percepção do que a disciplina contribui na formação profissional, especialmente para os dois últimos entrevistados que estão finalizando a matéria em questão.

Assim, no conjunto das falas colhidas por meio da filmagem ou das entrevistas, a disciplina em foco tem sido bem acolhida pelos discentes do curso de Biblioteconomia da UFPA, sendo bem compreendida quanto ao que pode contribuir com os futuros bibliotecários e com os usuários, mesmo quando as dimensões ética, estética e política não são tão nitidamente percebidas na competência informacional.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em conhecer as percepções dos estudantes do curso de Biblioteconomia da UFPA quanto ao conceito e à prática da chamada competência informacional. Neste sentido, foram coletados dados por meio da técnica do grupo focal, complementados pela entrevista semiestruturada, buscando, então, construir um panorama acerca das percepções dos alunos contatados com base no quadro teórico aqui adotado.

Como se registrou, a Biblioteconomia tem empregado esforços em renovar seus princípios, teorizações e métodos na perspectiva de melhor atender os usuários, o que se aplica ao curso mantido pela UFPA, precisamente em seu atual Projeto Político de Curso (PPC). Com o crescimento do campo, novas demandas se apresentam ao ensino de graduação e na esfera profissional. Prova disso foi a reestruturação da disciplina Leitura e Formação de Leitores em Leitura e Competência Informacional, a fim de formar bibliotecários capazes de atender as necessidades de seus usuários.

À medida que as bases tecnológicas mudam, mudam também as necessidades de informação dos indivíduos. É o que se tem com a sociedade da informação, na qual o uso das tecnologias aplicadas à resolução das demandas por informação exige novos modos de pensar e atuar em relação à leitura, à educação e à própria informação. Foi assim que se buscou discutir neste estudo o estado do conhecimento de estudantes de Biblioteconomia sobre a competência informação.

Do ponto de vista bibliotecário, a condição tecnológica que se vive e seu melhor uso está na essência da competência informacional, sendo discutida no campo da Biblioteconomia e da CI. Tal como abordado neste trabalho e segundo Orelo e Vitorino (2012), para ser desenvolvida em sua plenitude esse tipo de competência precisa fundar-se em quatro dimensões: ética, estética, política e técnica. Todavia, mantendo equilíbrio entre elas.

Quanto à questão da atuação do bibliotecário no contexto do movimento da competência informacional, esse profissional figura como agente importante para atuar na fluência dos usuários na busca por informação (CAMPELLO, 2003). Aliás, como se viu, este foi um ponto que emergiu das falas do grupo focal.

Na discussão sobre o conceito e a prática da competência informacional, a Biblioteconomia cruza com teorias educacionais, tal como aparece em Freire (1997), Nunes (1994), Soares (2003) e Silva (1991). Como foi explorado na revisão da literatura, esses autores apontam para o aprendizado para a vida das pessoas e para o próprio processo de aprender continuamente. Entretanto, não se pode confundir os papéis que cabem a cada

profissional. Ao educador cabe o ensino, e, ao bibliotecário, capacitar seus usuários a buscar, avaliar, usar e criar informação para atingir seus objetivos pessoais, sociais, profissionais e educacionais.

Dentro da discussão aqui desenvolvida, constatou-se que a figura do bibliotecário, a biblioteca pública – como um dos principais ambientes onde acontece esse movimento – e a questão da leitura estão imbricados. Como é sabido, a leitura já se tornou um tema enfático nos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Especificamente é possível citar a disciplina Leitura e Competência Informacional, inserida desde 2009 na FABIB/UFPA. Como proposto em sua ementa, essa disciplina busca mostrar os conceitos e formar bibliotecários hábeis para o estímulo e desenvolvimento das habilidades de leitura, e, de modo mais amplo, relacionadas ao melhor proveito da informação.

Como uma pesquisa de natureza qualitativa, as percepções a respeito da compreensão, do desenvolvimento da competência informacional, dos ganhos e das dificuldades encontradas na disciplina em questão emergiram das falas dos participantes do grupo de estudo. Durante a análise, verificou-se certa preocupação quanto à compreensão do conceito, bem como do *fazer* desse tipo de competência. Lacunas quanto ao melhor entendimento das dimensões política e ética também vieram à tona, o que pode estar associado à condução da própria disciplina, às vezes ministradas por docentes do curso, e, outras vezes, por docentes não bibliotecários. Daí decorre que essas dimensões se mostrem pouco presentes nas falas dos estudantes. Sendo assim, eles possuem uma visão mais técnica e estética a respeito da competência informacional, ou seja, de algo que resulta daquilo que é aprendido em sala de aula.

Diante desse contexto, percebe-se o quanto é necessária a formação pedagógica do bibliotecário, haja vista o papel desse profissional no enfrentamento dos problemas relacionados à educação, como aqueles que dizem respeito à leitura. Uma realidade que afeta também os que chegam à universidade, tal como mostram as falas de alguns estudantes: “A disciplina está me ensinando a ter amor pela leitura [...]”; “Durante a disciplina adquiri o hábito pela leitura [...]”. Para alguns, o contato com o curso e com a disciplina Leitura e Competência Informacional surge como a oportunidade para a construção do hábito da leitura.

Para finalizar, do ponto de vista da formação do bibliotecário em sala de aula recomenda-se a maior atenção quanto à abordagem da competência informacional em na dimensão ética e política. Isto porque a análise dos dados mostrou que um número considerável de alunos não compreende essas dimensões, que eles não conseguem identificá-las em suas práticas de busca, seleção, análise, organização, uso e compartilhamento de

informações. Isto se mostra preocupante tendo em vista o papel do bibliotecário como facilitador do processo da leitura no treinamento e na educação dos usuários de bibliotecas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 2, p. 61-69, jul.1992. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 out. 2017.
- BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 6, n. 2, p. 27-42, 2005.
- BRASIL. Conselho nacional de saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, n.98, 24 maio 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.
- BRETTAS, Aline Pinheiro. A biblioteca pública: um papel determinado e determinante na sociedade. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 24, n.2, p.101-118, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/viewFile/1153/1030>>. Acesso em: 24. nov. 2017.
- CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, v.32, n.3 Brasília, set./dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300004)>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidade informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 16. ago. 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000103&pid=S0102-4698201000010000300009&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000103&pid=S0102-4698201000010000300009&lng=en)>. Acesso em: 16 de ago. 2017.
- FARIAS, Christianne Martins; VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n.2, p. 2-16, maio/ago. 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a02.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Construindo o conceito de competência. **RAC**, Edição Especial, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 8. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Competência em informação: conceito, características e desafios. **Novas práticas em informação e conhecimento**. Curitiba, v.2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Desafios para implementar o letramento informacional na educação básica. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982010000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100003)>. Acesso em: 19 de ago. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**: 1994. Disponível em:<<https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO sobre a internet – diretrizes**: 2006. Disponível em:<<https://www.ifla.org/files/assets/faife/publications/policy-documents/internet-manifesto-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

JAMBEIRO, O. et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, abr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652005000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 26 ago. 2017.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo (Colab.). **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: J. Zahar, [1998].

LINS, G. S; LEITE, F. C. L. Comportamento informacional como aporte teórico para consolidação conceitual de competência informacional no contexto da comunicação científica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. Disponível em:<[www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2698.pdf](http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2698.pdf)>. Acesso em: 17 ago. 2017.

LISTON; Rose, SANTOS; Plácida. Representando a Information Literacy “Competências Informacionais” na Biblioteconomia. **Em Questão**, v. 14, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewArticle/5043/4875>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MATA, Marta Leandro da; CASARIN, Helen de Castro Silva. Inserção de disciplinas sobre competência informacional nos cursos de Biblioteconomia do Brasil. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 1-16, jan. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23n51p1>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a12v33n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a12v33n2.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2017.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial**. São Paulo: UNICAMP, 1994.

ORELO, Eliane Rodrigues Mota; VITORINO, Elizete Vieira. Competência Informacional: um olhar para a dimensão estética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.4, p.41-56, out./dez. 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.

SILVA, Helena et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 28-36, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewPDFInterstitial/611/544>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2003. Disponível em: <[http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2001%20Alfabetizacao\\_Letramento.pdf](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2001%20Alfabetizacao_Letramento.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VITORINO, E. V. Competência informacional: princípios para a formação contínua de profissionais da informação em bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2008. Disponível em: <[www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2698.pdf](http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2698.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

VITORINO, E. V; PIANTOLA, Daniele. Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez., 2009.

VITORINO, E. V; PIANTOLA, Daniele. Dimensões da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011.

ZURKOWSKI, P. G. **Information services environment relationships and priorities**. Washington, D.C: National Commission on Libraries and Information Science, 1974. Disponível em: <<http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED100391.pdf>> Acesso em: 22 nov. 2017.

**APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu..... sexo....., idade ....., ingressante da turma de ....., autorizo Jairo Jacques dos Passos Júnior, estudante do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará, a utilizar as informações por mim prestadas com a condição de sigilo de minha identidade, para fins de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “O bibliotecário e o uso da competência informacional: Percepções dos estudantes de Biblioteconomia da UFPA”, sob orientação do Prof. Dr. Rubens da Silva Ferreira (FABIB/ICSA/UFPA).

Belém, ..... de ..... de 2017.

---

Assinatura do participante

## **ANEXO A – EMENTA DA DISCIPLINA LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA**

### **LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES**

Currículo de 1993

Carga horária: 60h

Código: SE08067

#### **OBJETIVOS:**

Capacitar o discente a:

- Entender o ato de ler e estudar como processo de conhecimento capaz de transformar o homem e a sociedade.
- Promover a formação de bons leitores e incentivar o hábito da leitura.
- Analisar e interpretar criticamente um texto

#### **SÚMULA:**

Leitura: conceito, objetivo, níveis, velocidade e vícios.

Métodos de estudo eficientes: o ato de aprender; o aperfeiçoamento da leitura; técnicas de memorização, registro, síntese e fixação da informação através da leitura.

Planejamento de atividades para desenvolver a formação de leitores.

**ANEXO B – EMENTA DA DISCIPLINA LEITURA E COMPETÊNCIA  
INFORMACIONAL**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA**

**LEITURA E COMPETÊNCIA INFORMACIONAL**

Currículo de 2009

**EMENTA**

História da leitura no mundo ocidental. Leitura e competência Informacional: questões conceituais. O movimento da competência informacional. Teorias, práticas e estratégias de leitura como aperfeiçoamento pessoal e profissional. A leitura como um ato político e de cidadania. Apreensão e produção de textos técnicos e acadêmicos. Redação científica: o texto dissertativo. Relatório/fichamento de leituras. Métodos de comunicação oral.